

URBANISME PARLANT NA VÁRZEA

ARNALDO GLADOSH E A FEIRA PERMANENTE DE AMOSTRAS

Silvio Belmonte de Abreu Filho

Quando pensamos em uma Porto Alegre de papel, composta por seus planos e projetos não realizados, construídos de forma distinta do imaginado, ou desaparecidos e guardados apenas na memória dos que os conheceram ou no papel, em fotografias e desenhos, a passagem dos anos 30 aos 40 surge como um período único. Na década entre a grande Exposição do Centenário Farroupilha de 1935 e a redemocratização do país em 1945, a cidade recebeu duas propostas de planos urbanos (a Contribuição ao Estudo da Urbanização de Porto Alegre, de Ubatuba de Faria e Edvaldo Paiva em 1936-38, e o Plano Diretor de Arnaldo Gladosch nos anos 1939-45), amplamente divulgadas com seus projetos urbanos e arquitetônicos complementares, e um grande número de projetos, muitos formulados e nunca executados. Além da própria Exposição, em sim mesma um modelo reduzido de cidade testado em madeira e estuque e em seguida demolido (permanecendo nas fotos e no imaginário coletivo).

Boa parte desse estoque de idéias e imagens para a cidade está associada à iniciativa do prefeito Loureiro da Silva (1937-1943) e do urbanista que foi buscar no Rio de Janeiro para elaborar o Plano Diretor de Porto Alegre, Arnaldo Gladosch. Loureiro, para muitos o melhor prefeito de Porto Alegre pelo impacto e abrangência de seu legado de obras, deixou um não menos impressionante conjunto de planos e projetos urbanos não realizados. Gladosch, mais conhecido por alguns dos edifícios que melhor definem e configuram o centro da cidade, é também o principal autor daqueles. Uns e outros estão apresentados em “Um Plano de Urbanização”¹, misto de relatório de prestação de contas e testemunho da administração Loureiro, e único documento remanescente para muitos deles em função do extravio dos originais.

Os planos e projetos urbanos do período foram tratados no Capítulo 3º da tese de Doutorado em Arquitetura “*Porto Alegre como Cidade Ideal*”², defendida no PROPARG/UFGRS em 2006. Sob o título geral de UM PLANO DE URBANIZAÇÃO, O *Triângulo Escaleno* descreve a relação entre os agentes envolvidos no Plano, a partir

¹ LOUREIRO DA SILVA, José. Um Plano de Urbanização (Colaboração técnica do Urbanista Edvaldo Pereira Paiva). Porto Alegre: Livraria do Globo, 1943. 300 p. :il.

² ABREU FILHO, Silvio Belmonte de. *Porto Alegre como cidade ideal. Planos e Projetos urbanos para Porto Alegre*. Porto Alegre: PROPARG/UFGRS (Tese de Doutorado em Arquitetura), 2006.

de análise inicial que situa seu contexto e dois personagens principais da figura geométrica em que ele se assenta: o prefeito Loureiro da Silva e o urbanista Arnaldo Gladosch. *Um Plano de Urbanização* aborda os sucessivos Estudos, Anteprojetos e Planos de Gladosch, com minuciosa descrição e análise crítico-comparativa de sua estrutura e de suas partes e a introdução do terceiro vértice do triângulo, o engenheiro e urbanista Edvaldo Pereira Paiva³. Em *Urbanisme Parlant em Porto Alegre* foram analisadas as palestras de Gladosch frente ao Conselho do Plano Diretor, exercendo uma característica básica do método da *Société Française des Urbanistes* (SFU), a busca constante do convencimento e da informação do público através do discurso expositivo.

Uma cidade feita para durar detém-se nos projetos arquitetônicos, urbanísticos e paisagísticos apresentados no Plano, ilustrando objetivos de coerência, economia e permanência das obras urbanas, permitindo que se fale em um “*Sistema do Belo Público*” em analogia àquele montado por Haussmann, Alphand e Belgrand em Paris. Finalmente, em *A mão e sua impressão* foram analisados e comparados os projetos de Arnaldo Gladosch e de Jorge Moreira apresentados quase simultaneamente para o Centro Cívico na Praça da Matriz, exemplares de dois paradigmas urbanos em confronto na década de 40.

Aqui estudos, planos e projetos são retomados como parte da construção de uma cidade de papel, enfocando especificamente o projeto de saneamento e reurbanização da várzea do Riacho, um dos projetos estratégicos desenvolvido por Arnaldo Gladosch para o Plano Diretor, e dentro dele uma de suas peças urbanísticas principais - o projeto da Feira Permanente de Amostras.

LOUREIRO, GLADOSCH E UM PLANO DE URBANIZAÇÃO

José Loureiro da Silva assumiu a prefeitura em 21 de outubro de 1937, um dia depois da decretação do Estado Novo, nomeado pelo interventor federal no estado general Manoel de Cerqueira Daltro Filho. Advogado e deputado estadual constituinte pelo Partido Republicano Liberal (PRL), destacou-se como um dos líderes de sua ala dissidente, que permaneceu fiel a Vargas, fustigando Flores da Cunha na Assembléia a partir de 1936⁴. Visto como um dos melhores quadros políticos e executivos dos

³ Edvaldo Paiva organizou o *Expediente Urbano*, e aparece como protagonista a partir da “colaboração técnica” na redação e estrutura de *Um Plano de Urbanização*, onde inicia um trabalho sistemático de desqualificação e ocultamento da contribuição técnica e teórico-metodológica de Gladosch

⁴ José Loureiro da Silva (19/03/1902-03/06/1964) formou-se pela Faculdade Livre de Direito do Rio Grande do Sul em 1923, já vinculado ao PRR. Após vários cargos como promotor público e Subchefe de Polícia no interior, foi Delegado de Polícia em Porto Alegre (1925), intendente em Taquara (1930) e Gravataí (1931), destacando-se como administrador público ousado, e posteriormente como político, elegendo-se deputado estadual pelo PRL na constituinte estadual de 1934. Para acompanhar a trajetória de Loureiro, ver: DE GRANDI, Celito. *Loureiro da Silva: o charrua*.

republicanos no estado, Loureiro foi indicado diretamente pelo presidente como peça fundamental na recomposição de seus apoios na cidade, e para continuidade de seu projeto político nacional no Rio Grande.

O novo prefeito assumiu com suporte político e popular, encerrando um ciclo de quarenta anos de predomínio dos positivistas do PRR no governo local, mas dentro do que se convencionou chamar *Estado Novo*, regime autoritário de inspiração corporativa com um projeto de modernização conservadora do país. Administrava por decretos, sem Câmara Municipal, prestando contas apenas ao governador. Loureiro centrou seu discurso e sua prática na modernização da cidade, e procurou legitimidade e apoio para tanto na discussão e divulgação pública das ações, na colaboração de especialistas e na criação de Conselhos. Através do *Conselho Técnico da Administração*, criado logo em novembro de 1937, procurava cercar-se do primeiro escalão de governo para auxiliá-lo na rotina administrativa.

O *Conselho do Plano Diretor*, órgão consultivo diretamente ligado ao prefeito com representantes dos diversos setores envolvidos na produção da cidade, criado um ano depois, seria o fórum de discussão dos problemas da cidade e dos planos, projetos e obras da prefeitura, legitimando-os dentro da política de “urbanismo de portas abertas” inaugurada por Loureiro⁵. Criado com as ambiciosas atribuições de “(a) examinar, propor alterações e votar os projetos de reforma urbana; (b) retocar ou ampliar os projetos do Plano Diretor, e (c) fiscalizar a execução dos projetos aprovados do Plano Diretor”, o Conselho acabou transformado em um conveniente veículo para o prefeito e seu urbanista exporem e justificarem suas idéias e realizações.

Até 1937 a cidade já havia empreendido grande parte da abertura da Avenida Borges de Medeiros e de outras obras previstas pelo Plano Maciel para a reforma do Centro, mas ainda não contava com um plano diretor. Machado destaca: “(...) a importância que as gestões de Otávio Rocha e Alberto Bins conferiram à concretização de um Plano Diretor para Porto Alegre, sem conseguirem, entretanto ultimá-lo. Reivindicação antiga, ao longo dos anos 30 sua necessidade é lembrada de maneira mais ou menos incisiva, seja por técnicos, seja pela imprensa ou comentaristas locais”⁶. Loureiro da Silva pressentia essa demanda, e tinha interesse pessoal e político pelas questões técnicas da cidade e do urbanismo. Desde o início do mandato, defendia a idéia da

Porto Alegre: Literalis, 2002. Para uma minuciosa análise do período, com ênfase nas relações entre as transformações urbanas e a legislação, ver o Capítulo 1 (A cidade autoritária: 1937-1943) da tese de ALMEIDA, Maria Soares de. *Transformações Urbanas: atos, normas, decretos, leis na administração da cidade – Porto Alegre 1937-1961*. São Paulo (Tese de Doutorado FAUUSP): FAUUSP, 2004.

⁵ LOUREIRO DA SILVA, 1943, op. cit., p. 18 e 28.

⁶ MACHADO, Nara Naumann. *Modernidade, arquitetura e urbanismo: o centro de Porto Alegre (1928-1945)*. Porto Alegre: PUCRS, 1998. Tese de Doutorado em História do Brasil – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, PUC-RS, 1998, p. 128.

cidade como “*patrimônio público*”, comum a toda a população, e a necessidade de um plano diretor de conjunto, que fixasse diretrizes de longo prazo para a cidade, direcionando seu desenvolvimento e enquadrando o plano de obras que pretendia iniciar.

Entretanto, o prefeito não se contentava com uma solução “interna” para o plano, a cargo dos técnicos municipais, preferindo uma solução de maior impacto, visibilidade e credibilidade pública. O exemplo era Agache no Rio de Janeiro, onde apesar do malogro inicial suas propostas começavam a ser implementadas pelos planos do prefeito nomeado Henrique Dodsworth ⁷. Mirando em Agache, a escolha de Loureiro acabou fixando-se em Arnaldo Gladosch, que tinha sido seu colaborador e apesar do nome era brasileiro, evitando problemas com a nova legislação profissional.

Nascido em São Paulo, Arnaldo Gladosch (1903-1954) estudou na Escola Superior Técnica da Saxônia em Dresden, onde se diplomou como engenheiro-arquiteto em 1926 e depois se especializou em urbanismo. Em 1927, recém formado e de volta ao Brasil, escreve para *O Jornal*, do Rio de Janeiro, uma série de cinco artigos sobre questões urbanísticas da cidade, a necessidade de um Plano Diretor, e sobre a contratação de Agache. Dessa forma, credencia-se para trabalhar como colaborador na equipe que Agache monta no Rio de Janeiro, encarregando-se das áreas industriais. Na década de 30, encontra-se estabelecido com o Escritório Técnico Arnaldo Gladosch no Rio de Janeiro, na Avenida Rio Branco, de onde vai desenvolver os Planos para Porto Alegre. Enquanto trabalhava nestes, contratou uma série significativa de projetos arquitetônicos em Porto Alegre, como os Edifícios SULACAP (1938-49), SUL AMÉRICA (1938-40), UNIÃO (1943), Brasiliano de Moraes - Sede do IAPI (1943), MESBLA (1944-50), MESBLA Veículos e Edifício CHAVES, exercitando uma prática arquitetônica original e de forte identidade, que vai marcar de forma definitiva a imagem do centro de Porto Alegre.

Gladosch foi contratado “*para a organização do Plano Diretor do Município de Porto Alegre, relativo a saneamento e expansão da cidade, orientação e regularização do traçado das suas vias de comunicação, distribuição dos espaços livres, ampliação do seu porto*”. O seu contrato, no valor total de 450 contos de réis (450:000\$000)

⁷ Agache concluiu seu plano em 1930, e entregou-o na véspera da Revolução de 30, que substituiu o prefeito Antonio Prado e convocou uma *Comissão do Plano da Cidade* para avaliar as propostas de Agache, logo a seguir dissolvida e o Plano associado à antiga ordem e abandonado. Dodsworth (1937-1945) foi nomeado pelo Estado Novo, como Loureiro, e restabeleceu a comissão como *Serviço Técnico da Comissão do Plano da Cidade*, para avaliar o Plano Agache e adapta-lo às novas condições. A partir de suas diretrizes básicas, Dodsworth implantou o plano viário e obras de infra-estrutura, das quais a mais importante foi a abertura da monumental Avenida Presidente Vargas (*boulevard* de 80 metros de largura e 4 km de extensão, ligando o centro à zona norte e um dos lados do triângulo de vias principais do plano de Agache). Ver UNDERWOOD, David. Alfred Agache, French Sociology, and Modern Urbanism in France and Brazil. *Journal of the Society of Architectural Historians JSAH*, v. 50, JUNE 1991, pp. 130-166.

divididos em dez parcelas ao longo de 38 meses, especificava a apresentação de estudos preliminares para o Plano Diretor (na escala 1:25.000), para a reformulação do centro da cidade (Planta do Centro em escala 1:5.000), e para o saneamento e a urbanização da Praia de Belas e do vale do Riacho até a ponte da Azenha (na escala 1:5.000)⁸. Considerando que Agache solicitara ao prefeito Alberto Bins o valor de 600 contos pelo Plano Diretor quase dez anos antes, o custo não era excessivo.

No relatório preliminar de análise da situação de Porto Alegre (chamado “*Memória*”), apresentado por ele na íntegra na primeira reunião do Conselho do Plano Diretor, em 3/3/1939, Gladosch indica como indispensáveis para a elaboração do Plano Diretor a contratação de um levantamento cadastral e de um levantamento aerofotogramétrico de toda a cidade, além de dados estatísticos de toda ordem, até então inexistentes. O prefeito, impaciente com a morosidade do levantamento planialtimétrico quadra a quadra, em elaboração pelos técnicos municipais desde 1936, contratou no mesmo ano a empresa de origem alemã Sindicato Condor Ltda.⁹ (com a Guerra transformada em *Serviços Aéreos Cruzeiro do Sul Ltda.*), para a execução do Levantamento Aerofotogramétrico e cadastro técnico municipal.

O chamado “*Plano Gladosch*” consiste na realidade em pelo menos quatro estudos sucessivos para a cidade, denominados alternativamente Planos, Anteprojetos (ou *Ante-projetos*) ou os dois, apresentados à Prefeitura e ao Conselho do Plano entre 1939 e 1945 por Arnaldo Gladosch, em diferentes graus de abrangência e detalhamento. Sua análise deve ser feita com base nos documentos reproduzidos de forma desordenada em “*Um Plano de Urbanização*”, e em outras fontes secundárias, já que os desenhos originais produzidos por Gladosch em seu escritório no Rio de Janeiro não foram ali localizados, nem nos arquivos municipais. As plantas e desenhos sempre acompanharam as exposições de Gladosch no Conselho, conforme atestam as transcrições das atas e diversas fotos, mas sua inexplicável desaparecimento dificulta a comprovação de uma série de elementos consensualmente aceitos nas sucessivas análises do plano, desde sua apresentação. As citações extraídas de “*Um*

⁸ Aprovados os estudos preliminares, Gladosch deveria submeter plantas definitivas do Projeto de Saneamento e Urbanização da Praia de Belas e Vale do Riacho (nas escalas de 1:1.000 até 1:100, a juízo da Prefeitura), Planta Geral do Município (na escala 1:10.000), e o *Plano Diretor da Cidade* (em escala 1:2.000 e 1:1.000), com plantas gerais de Zoneamento, Traçado das redes e Distribuição de Espaços Livres Públicos em escala 1:10.000, e seções detalhadas das principais vias, praças e estudo de sua arborização e gabarito de edificações. Além disso, comprometia-se com Projetos de Urbanização (em escala 1:2.000) para diversos equipamentos (Jardim Botânico, Horto Florestal e Cidade Universitária), com a elaboração de projetos arquitetônicos típicos para Escola Pública de 250 alunos e Mercado Local, a organização de uma extensa coleção de estatísticas, e ainda o anteprojeto da legislação do Plano.

⁹ A empresa foi contratada em 05/07/1939, seis meses depois da sugestão de Gladosch, devendo fornecer restituição dos vãos com pranchas em escala 1:2.000, e planta geral do município em escala 1:10.000, no valor de 1.300 contos de réis e prazo máximo de execução até 31/12/1941. O contrato não foi cumprido integralmente por dificuldades com o fornecimento de materiais em função da guerra, limitando-se às fotos da área mais central da cidade, que foram utilizadas por Gladosch em seus estudos e projetos.

Plano de Urbanização”, necessariamente numerosas, têm as respectivas páginas indicadas diretamente entre parêntesis ao final das mesmas.

O Plano sistematiza estudos parciais desenvolvidos pela administração municipal em quase duas décadas, revisa as principais propostas do Plano Maciel para a área central, e consolida a visão rádio-concêntrica da estrutura urbana de Porto Alegre. Esta é reforçada pelo projeto das perimetrais (aproveitadas das propostas da *Contribuição*), pela ênfase morfológica nas radiais e pela proposta de uma travessia do Guaíba pela ponta da península. O Plano incorpora a contribuição da Exposição de 1935 e do projeto de Agache para o Parque Farroupilha, e são previstos alguns projetos específicos de setores e equipamentos urbanos, desenvolvidos separadamente de acordo com o contrato. Planos e projetos seguem uma abordagem que alia a metodologia da SFU (tendo o Plano Agache para o Rio como precedente básico), à do “urbanismo alemão” (especialmente no *zoning* e na insistência nos processos de loteio urbano), e uma linha morfológica tributária tanto do urbanismo francês quanto do movimento “*Cidade-Jardim*”, especialmente do projeto de H. P. Berlage para a Extensão Sul de Amsterdam, ponto de convergência das duas escolas e referência explícita para o projeto da face sul da península no aterro da Praia de Belas.

O primeiro Estudo foi conhecido logo após o contrato, e apresentado ao Conselho na sua primeira reunião juntamente com a “Memória”. Trata-se da “*Planta demonstrativa de normas ideais e bases gerais para a organização de um PLANO DIRECTOR E DE EXPANSÃO URBANA PARA A CIDADE DE PORTO ALEGRE*”¹⁰, com um plano de conjunto para toda a área urbanizada à época (Fig. 1)¹¹. Considerado por Edvaldo Paiva como o mais completo dos quatro estudos, o Plano traça uma rede viária principal composta de radiais e perimetrais, inspirada na teoria dos “Perímetros de Irradiação” de E. Hénard, já aplicada por Paiva e Ubatuba de Faria na “*Contribuição ao Estudo da Urbanização de Porto Alegre*”. É o único Estudo em que aparecem bem definidos os traçados das avenidas perimetrais (especialmente o 2º e 3º Perímetro), e à rede viária é sobreposto um esquema de zoneamento básico de usos, identificado por cores.

O segundo Estudo conhecido concentra-se na área ao interior da 1ª Perimetral, com propostas para o Centro da cidade e o saneamento e urbanização do bairro Praia de

¹⁰ PAIVA, Edvaldo Pereira. *PROBLEMAS URBANOS DE PORTO ALEGRE*. (Palestra realizada pelo Prof. Urbanista Edvaldo Pereira Paiva, no Auditório “Tasso Corrêa” do Instituto de Belas Artes, no dia 18 de Abril de 1951). Porto Alegre: (s/ed), junho de 1951, p. 13 e Fig. n. 21, e PORTO ALEGRE. *Plano Diretor – 1954-1964*. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1964, p.20.

¹¹ Todas as figuras cuja fonte não é nomeada pertencem a “Um Plano de Urbanização”, onde aparecem em páginas sem numeração.

Belas (Fig. 2). É denominado “*Plano Director da Cidade de Porto Alegre. Estudo para a parte central da cidade, inclusive saneamento e urbanização da Praia de Belas*”¹². Na planta disponível, encontra-se a referência: PLANO GLADOSCH 1939-1940, mas parece tratar-se apenas do estudo de uma alternativa, posteriormente abandonada. O projeto perde muito em relação ao primeiro, especialmente no traçado do aterro da vertente sul da península, um canhestro “X”, interceptado ao centro por eixo derivado de um túnel em continuação da Rua João Manoel; uma das pernas articula-se à 1ª Perimetral numa rótula na Avenida Osvaldo Aranha, a outra liga a Ponta da Cadeia à Praia de Belas. A proposta não teve seguimento nos outros estudos, substituída por uma estrutura de articulações triangulares.

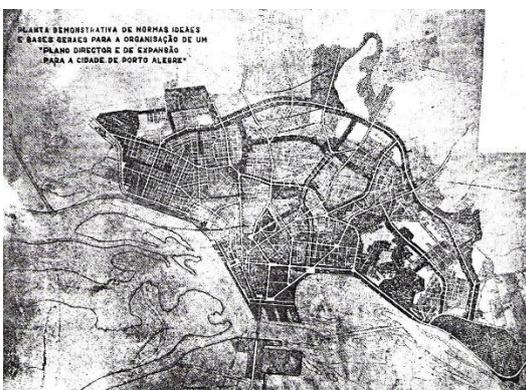


Fig. 1 – Plano Gladosch (I): Planta demonstrativa de normas ideais e bases gerais para a organização do “Plano Diretor e de Expansão para a cidade de Porto Alegre”. Arnaldo Gladosch (1938-39). Fonte: PAIVA, 1951, fig. 21.

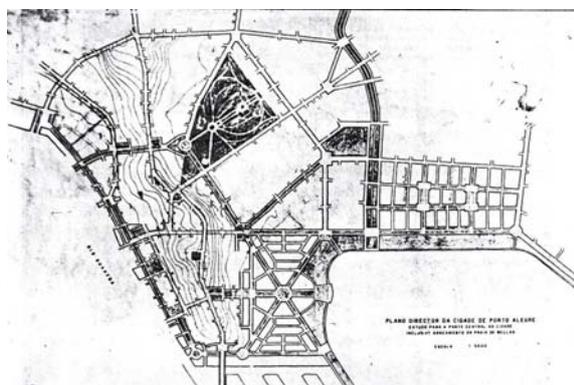


Fig. 2 – Plano Gladosch (II): Plano Diretor da cidade de Porto Alegre. Estudo para a parte central da cidade. Arnaldo Gladosch (1939). Fonte: PAIVA, 1951, fig. 22.

O terceiro Estudo é usualmente reconhecido como o “Plano Gladosch”. O “*Plano Director da Cidade de Porto Alegre. ANTEPROJECTO*” (Escala 1: 5.000) incide sobre a área ao interior da 2ª Perimetral e parte da zona norte da cidade (Fig. 3). Curiosamente, é a planta mais conhecida e de melhor acabamento (com reprodução a cores), constando inclusive nas sucessivas publicações da Prefeitura Municipal como o Plano Diretor da Administração Loureiro da Silva¹³, mas não é reconhecida como tal em “*Um Plano de Urbanização*”. Ele apresenta semelhanças com o quarto Estudo, no traçado viário, no projeto para a Praia de Belas e em intervenções no centro, mas também algumas diferenças marcantes nos projetos urbanos, que permitem confirmar sua precedência.

¹² PAIVA, 1951, op. cit., p. 14 e Fig. n. 22; e PORTO ALEGRE, 1959, op. cit., p. 21.

¹³ PORTO ALEGRE. Planejar para viver melhor (Folheto/brochura de Divulgação do 1º PDDU, publicado como Prestação de Contas da administração Guilherme Villela). Porto Alegre: PMPA, 1983. Curiosamente, em “*Um Plano de Urbanização*”, é apresentado como o “primeiro esboço do Préplano” (SILVA, 1943, op. cit., Fig. n. 24), provavelmente por confusão de Paiva, já que em “*Problemas Urbanos de Porto Alegre*” o mesmo Paiva apresenta-o como terceiro estudo, procedido corretamente pelos anteriores (PAIVA, 1951, op. cit., p.15 e Fig. n. 23).



Fig. 3 – Plano Gladosch (III): Plano Director da Cidade de Porto Alegre Anteprojecto, Arnaldo Gladosch (1939-40).
Fonte: PORTO ALEGRE, 1983 p. 04.

O quarto Estudo aparece na planta “*Plano Director da Cidade de Porto Alegre – Escala 1:4.000*”, (Fig. 4), precedendo a Parte III do documento, que trata do Anteprojecto. Está identificado na legenda como “*O atual Preplano, detalhando a reforma viária nas zonas mais próximas do centro*”, e apresenta a área ao interior da 2ª Perimetral e adjacências. Em algumas plantas, aparece referenciado ao conjunto da cidade, localizando propostas fora da área de abrangência inicial, como o Campus Universitário (Fig. 6). O estudo é acompanhado posteriormente pelo detalhamento do Projeto de Reloteamento para a Praia de Belas e os bairros Menino Deus e Azenha, com indicação de equipamentos públicos, espaços abertos e morfologia construída nas quadras. Aparecem bem caracterizadas as implantações da Feira Permanente de Amostras, do Estádio Olímpico na Azenha, de um parque no antigo Prado Moinhos de Vento, da nova Estação Ferroviária, do Centro Cívico, e diversas intervenções da rede viária principal, ausentes no Estudo anterior. A expansão do porto a sudoeste da península central foi abandonada. É a planta que aparece ao fundo de Loureiro da Silva, na foto em que o prefeito apresentava o plano à imprensa no Salão Nobre da Prefeitura (Fig. 7).



Fig. 4 – Plano Gladosch (IV): Plano Director da Cidade de Porto Alegre. Preplano, detalhando a reforma viária nas zonas mais próximas do centro. Arnaldo Gladosch (1940-41).



Fig. 5 – Plano Gladosch (IV): “Projeto de reloteamento total da região compreendida no polígono: sopé do espigão central – av. João Pessoa – rua da Azenha – rua José de Alencar – futura Praia de Belas, o qual seria executado em três etapas”. Arnaldo Gladosch (1941-42).

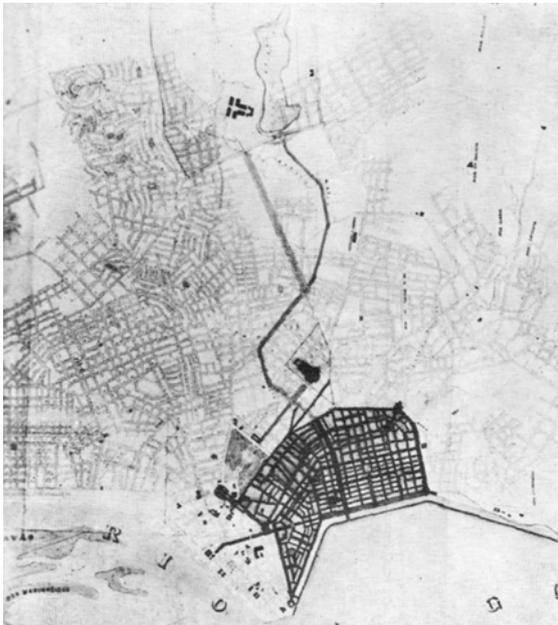


Fig. 6 – Plano Gladosch (IV): Projeto de reloteamento do Menino Deus e Praia de Belas relacionado à Feira Permanente de Amostras e Cidade Universitária.



Fig. 7 – Loureiro da Silva no Salão Nobre da PMPA apresentando o Plano Gladosch à imprensa (c. 1940). Fonte: DE GRANDI, 2002, p. 85.

Os projetos vão sendo apresentados sucessivamente em conferências de Gladosch ao Conselho do Plano Diretor, com mapas e estudos arquitetônicos, compostos por perspectivas, maquetes, fotos de maquetes, dentro da metodologia e dos conceitos de *Urbanisme Parlant* defendidos pela SFU. A partir de seus estudos, Gladosch solicita à Prefeitura outros dados necessários, relacionados à pesquisa urbana e aos levantamentos planialtimétrico e cadastral, já que em função da Guerra na Europa os materiais necessários à reconstituição do aerofotogramétrico contratado impediam sua finalização e entrega. Por indicação dele, o Prefeito enviou a Montevideu os engenheiros municipais Edvaldo Paiva e Ubatuba de Faria, para o Curso de

Especialização em Urbanismo dirigido por Maurício Cravotto na Facultad de Arquitectura. Na volta eles se encarregariam da pesquisa urbana e do núcleo de gerenciamento do Plano Diretor nos serviços municipais.

Algumas obras definidas nos estudos vão sendo detalhadas pelos órgãos técnicos da Prefeitura e implementadas diretamente pelo prefeito, que delas presta contas ao Conselho. É o caso da implantação de novas radiais, como a Avenida Farrapos (dando continuidade, com modificações importantes, a projetos das administrações anteriores a partir do Plano Maciel) e o prolongamento da Avenida João Pessoa, e de novas ligações perimetrais, como as avenidas Jerônimo de Ornelas e André da Rocha; da implantação da “*grande croisée*” de Maciel no centro, com a finalização da Avenida Borges de Medeiros e abertura da 15 de Novembro, atual Salgado Filho; e da canalização do Riacho, com implantação da avenida-dique em suas margens e o saneamento e reloteamento das áreas afetadas de sua várzea imediata. O detalhamento dos estudos, o cadastro e o aporte da pesquisa urbana deveriam conduzir à finalização do Plano Diretor.

Não houve tempo nem condições para tanto. Por um lado, houve um progressivo esvaziamento da ambição de abrangência geral do Plano em favor da definição e execução de obras de maior urgência ou prioridade para a administração. As obras de recuperação da cidade depois da grande enchente de 1941, e para sua proteção contra futuras repetições da tragédia, reclamavam atenção e drenavam as energias antes concentradas no Plano. O próprio Arnaldo Gladosch parece ter desviado seu foco do Plano geral para os sucessivos projetos correlatos (inclusive os importantes projetos particulares que angariou em sua trajetória porto-alegrense), e para os complicados, desgastantes e custosos estudos de reloteamento da Praia de Belas e saneamento do vale do Riacho, onde literalmente “patinou em terreno pantanoso” nos anos 41 a 43.

Por outro lado, a saída do Prefeito¹⁴, grande locomotiva da implantação do Plano, aceleraria sua passagem para um nível secundário de importância na nova agenda municipal, apesar dos discursos prometendo continuidade. No final da gestão, todos os planos e realizações foram compilados e organizados como Relatório da Administração, com colaboração técnica do já então “urbanista” Paiva, e o trabalho publicado em 1943 logo após a saída do Prefeito no volume “*Um Plano de Urbanização*”.

¹⁴ Loureiro da Silva deixou o cargo em 15 de setembro de 1943, quatro dias depois da nomeação de Ernesto Dornelles para o governo do Estado, alegando motivos pessoais, como a saúde abalada e prejuízos materiais. Estava desencantado com os limites de seu projeto político (e com os limites de intervenção de seu Plano de Urbanização), e desgastado com os governos estadual e federal. Loureiro ambicionava o governo do estado, tendo sido preterido por Vargas na indicação do interventor Cordeiro de Faria, e novamente por Dornelles.

Não existe uma imagem unitária de cidade ideal nos planos de Gladosch, ou ao longo de *Um Plano de Urbanização*. Analisando o material produzido por ele entre 1939 e 1943, encontramos diversos fragmentos de cidades ideais, seja nos sucessivos projetos para os aterros da vertente sul da península e para a enseada da Praia de Belas, seja nos desenhos, perspectivas e maquetes dos projetos para peças urbanas específicas como a Feira Permanente de Amostras na Várzea e o Centro Cívico na Praça da Matriz.

O PROJETO DE SANEAMENTO DO VALE DO RIACHO

O Plano Diretor de Gladosch define uma rede viária primária e sobre ela um zoneamento básico, prioriza um projeto de natureza estratégica, essencial à consecução do Plano – o saneamento e urbanização do Vale do Riacho, e alinhava uma série de projetos urbanísticos e arquitetônicos correlatos, alguns vinculados à reforma do Centro, outros à do Vale.

Em sua exposição na 1ª REUNIÃO do Conselho do Plano Diretor, em 3 de março de 1939, Gladosch define para o Plano Diretor um escopo que compreende ***“esboçar e delinear uma planta para regularizar a parte central, sanear os arrabaldes e determinar a expansão da cidade (...) preestabelecendo a extensão da capital, em bases racionais, sob uma orientação única, a bem dos seus habitantes”*** (p. 128-129). Aí estão preliminarmente, em resumo e de forma bem clara, os objetivos do Plano para Gladosch. Para atingi-los, faz uma cuidadosa análise da evolução urbana a partir de uma visão estrutural do traçado como matriz do desenvolvimento urbano. A espinha dorsal do Plano Diretor é fornecida pela rede viária, nos moldes de um Plano de Avenidas, assegurando a estrutura básica do zoneamento urbano e a ligação entre as diversas zonas: *“O estabelecimento da rede principal de vias de comunicação é um dos trabalhos mais delicados do Plano Diretor de uma cidade já formada”*.

Gladosch procurou lançar sua rede primária sobre a estrutura real da cidade, *“(…) utilizando, por motivos econômicos, sempre que possível, os traçados de ruas existentes, alargando-as”*. Assim procedendo, reforçava o sistema de radiais que ligavam o centro aos bairros, complementando-o com vias circulares que asseguravam a ligação entre os diversos bairros, aproximando-se ao máximo do modelo ideal de cidade rádio-concêntrica¹⁵. Curiosamente, a longa exposição não tocava na questão das avenidas perimetrais, elidindo a proposta dos perímetros de

¹⁵ *“(…) esta rede, além de estabelecer uma comunicação lógica entre o centro urbano e as Zonas de Habitação, se aproxima ao máximo do esquema ideal das radiais com as vias circulares, que por sua vez estabelecem uma ligação fácil dos diversos centros de moradia entre si”* (p. 130).

irradiação, muito clara na planta conhecida do primeiro anteprojeto. Todas as radiais seriam canalizadas para duas delas (Farrapos e Borges de Medeiros), e não para um primeiro perímetro de irradiação, como na *Contribuição*.

O seguinte nível de estrutura é fornecido pelas áreas verdes. Gladosch se refere a elas como “*superfícies verdes*”, e lamenta que a cidade até agora não tenha tirado vantagem alguma de sua situação privilegiada à margem do Guaíba “*por falta absoluta de avenidas marginais arborizadas ou jardins públicos atraentes para passeios e convidativos ao repouso*”. A reserva compulsória de 10% para áreas verdes é uma medida boa, mas não suficiente, produzindo dispersão “*sem repercussão prática no conjunto*”. A solução seria a criação de um sistema de áreas verdes “*reunindo e ligando estas áreas isoladas, fazendo-as entrar num agrupamento de faixas de jardins ou parques*” distribuídas no território da cidade de forma semelhante “*ao sistema circulatório de um corpo, findando as ramificações extremas numa cintura de florestas envolvendo a cidade*” (p. 130-131). Aqui Gladosch recorre à metáfora biológica para a qualificação e exemplificação dos sistemas urbanos de seu plano, e se aproxima notavelmente das justificativas de J.C.N. Forestier para a proposta do sistema de parques e áreas verdes ao longo da margem do Rio da Prata e do estuário do Tigre¹⁶, em seu Informe no Plan Noel de Buenos Aires de 1925.

A base para este sistema seria fornecida por duas operações de urbanização interligadas, essenciais ao Plano: o saneamento da Praia de Belas e a regularização do Riacho. A primeira permitiria uma faixa de parque contínua ao longo do rio, acessível ao público; a segunda permitiria uma segunda faixa verde, perpendicular à primeira, a partir da Praia de Belas até o fundo da área rural, ao longo de um vasto território até então alagadiço e insalubre. Complementarmente, seriam previstos espaços para equipamentos públicos (campos de esportes, jardins da infância, escolas e hospitais), e projetos urbanísticos correlatos.

Gladosch considerava que a canalização do Riacho e do arroio Cascata ofereceria uma área estratégica para urbanização, então pouco aproveitada ou vazia, constituindo a expansão lógica da área da cidade já beneficiado com infra-estrutura. Analisa as duas possibilidades técnicas de canalização, conservando o traçado e as ocupações existentes e encaminhando o canal como possível, através de alargamentos, ou pela desapropriação prévia de toda a zona atingida, com o traçado

¹⁶ J.C.N. Forestier era um dos urbanistas da SFU, colega de Agache, e foi o introdutor e principal divulgador do *Park System* americano na França. Seus projetos para Buenos Aires foram elaborados em Paris, em 1924, e integraram o Plan Noel (“*Proyecto Orgánico para la Urbanización del Municipio. El Plan Regulador y de Reforma de la Capital Federal*”, elaborado pela *Comisión de Estética Edilicia* da *Intendencia Municipal*; que ficou conhecido pelo nome do Intendente Carlos Noel), publicado em 1925. Ver em MOLINA Y VEDIA, 1999, op. cit., especialmente capítulo 4 (PLAN NOEL, 1925), pp. 103-126.

do canal de acordo com a melhor técnica. Conclui pelos benefícios da segunda opção, apesar do maior custo inicial, considerando-o passível de recuperação através de reloteamento. Esta foi a solução técnica adotada posteriormente, com a retificação do arroio e implantação da nova avenida sobre os diques laterais.

Na 2ª REUNIÃO do Conselho (em 19 de maio de 1939), Gladosch volta ao tema do saneamento e urbanização do vale do Riacho e da Praia de Belas, considerando-o seu projeto prioritário após a definição das linhas gerais do anteprojeto do Plano Diretor.

“O grande problema, diremos o nº 1 de Porto Alegre, é o aproveitamento, para urbanização, das grandes áreas marginais do Riacho. Áreas estas atualmente insalubres, sujeitas às inundações pelas enchentes do rio e que, portanto, representam um sério entrave à desejável continuidade do desenvolvimento da zona urbana da cidade. (...) Foi por êste motivo que, uma vez assentado o anteprojeto do Plano Diretor em suas linhas gerais, iniciamos os estudos mais detalhados dêste plano pelo projeto de saneamento e urbanização da Praia de Belas e canalização do Riacho, da Ponte da Azenha ao Guaíba” (p. 137).

A área a ser beneficiada, localizada a apenas 2 km do centro da cidade, poderia abrigar 42.000 pessoas depois de saneada, e permitiria a construção da Avenida Beira-Rio, com sua faixa de jardins margeando o Guaíba e assegurando acesso direto à zona sul da cidade. Para viabilizar sua execução, entretanto, é preciso que “se conquiste ao rio Guaíba uma superfície de terreno destinada futuramente a construções, cujo valor compense as despesas para a realização das necessárias obras de saneamento” ¹⁷ (p. 138). Os terrenos conquistados ao rio serviriam como permuta para a gradativa desocupação das áreas afetadas pela canalização do Riacho. No conjunto, era prevista a criação de um novo bairro residencial moderno através do reloteamento, dos dois parques propostos (na entrada da Avenida Borges de Medeiros e na Ilhota, junto à Praça Garibaldi) e da faixa de jardins entre eles, dando início efetivo ao estabelecimento da rede de espaços verdes prevista no anteprojeto do Plano.

Na 4ª REUNIÃO, em 23 de agosto de 1939, Gladosch dedicou-se à exposição de conceitos sobre o urbanismo e a seus fundamentos básicos como “*ciência de construir cidades*”, sobre o zoneamento urbano e os projetos para a reforma do Centro, e volta ao assunto da canalização do Riacho e saneamento das áreas vizinhas, abordando seus aspectos econômicos e referindo-se pela primeira vez ao projeto da Feira

¹⁷ Gladosch considerava uma área de 140 hectares e densidade de 50 hab/ha, podendo quando saneada abrigar 300 hab/ha, ou 42.000 pessoas. SILVA, 1943, op. cit., p. 138.

Permanente de Amostras. Em função de discussões sobre o ajardinamento do Parque Farroupilha e a construção de um Estádio Municipal, Gladosch afirma-se incumbido do estudo do problema, juntamente com a Feira Permanente de Amostras, devendo apresentar solução ao Conselho. Rejeitando a utilização da área do prado dos Moinhos de Vento, liberada com a transferência do Hipódromo para o Cristal, em função de sua localização e acessibilidade, Gladosch propõe associar o programa “*de um núcleo de construções públicas, entre as quais figuraria o estádio*”, ao seu projeto de urbanização do Riacho.

Na 6ª REUNIÃO (em 15 de março de 1940) Gladosch apresentou o projeto para a exposição do bicentenário de fundação da cidade, cujos critérios de localização já tinham sido explicitados anteriormente. Gladosch implantou a Feira Permanente de Amostras no entroncamento do Segundo Perímetro projetado (hoje 2ª Perimetral, no trecho Avenida Princesa Isabel) com uma avenida de acesso, prolongamento da “Avenida dos Estados” do Parque Farroupilha, remanescente do eixo monumental da Exposição de 35 e resultado do alargamento da Rua Santana. A ata informa que o projeto foi discutido e aprovado pelo plenário, sem maiores detalhes.

Na 7ª REUNIÃO (em 2 de julho de 1940), apesar do Prefeito anunciar o saneamento da Praia de Belas, retificação do Riacho e Avenida Beira Rio como assuntos de pauta, já estava definido que a Exposição do Bicentenário não seria realizada em novembro, retirando ao projeto da Feira Permanente de Amostras sua urgência e natureza estratégica. Gladosch procura se justificar (e desculpar-se junto ao Conselho pelo tom “*um tanto doutrinário*” assumido em suas exposições), num discurso de divulgação e legitimação, típico do urbanismo da SFU. Para ele, o maior problema a ser resolvido é “*a miséria das habitações dentro e fora das cidades*”, e a missão mais nobre do urbanismo moderno, “*libertar a população humana desta miséria, torna-la novamente sã, capaz e disposta para o trabalho*”. Dessa forma, defendendo que “*devemos trabalhar, em primeiro plano, para a gente pobre*”, Gladosch volta ao projeto do traçado definitivo do Plano Diretor da Cidade, relativo à zona da Praia de Belas, Menino Deus e Azenha, que apresentava então ao Conselho. Para ele, trata-se de uma parte da cidade com todas as características de uma zona residencial, próxima ao centro (constituindo sua extensão lógica), conformada por uma planície, ainda não ocupada em função de problemas de saneamento e inundações, e somente passível de aproveitamento através de empreendimentos públicos. Assim, “*o ponto de partida, (...) a base para a elaboração do (...) trabalho, não podia ser outra senão a canalização do Riacho e o saneamento da Praia de Belas*”.



Fig. 8 – Foto do Parque durante a Exposição do Centenário Farroupilha (1935), com a Rua Santana ao fundo. Fonte: Acervo ZH.

Entretanto, o tratamento que o Prefeito dá à localização da Feira Permanente de Amostras ilustra o tipo de conflito entre as diretrizes gerais do Plano de Gladosch (no caso bem mais que diretrizes gerais, já que foi executado um anteprojeto, inclusive com maquete) e as contingências e conveniências de governo. Mesmo com a Feira Permanente constando explicitamente do Plano na continuação da Rua Santana, o Prefeito anuncia um acordo com o governo do Estado para a implantação imediata de uma feira, bem mais modesta, em área entre as avenidas Getúlio Vargas e outra projetada (futura Avenida Cascatinha, depois Érico Veríssimo), onde foi efetivamente implantado o Parque de Exposições Assis Brasil.

A 8ª REUNIÃO (em 22 de novembro de 1940) comemorava justamente o Bicentenário de Colonização da cidade, sem Exposição e evidentemente sem prioridade para o conjunto que serviria para sediá-la com grandiosidade. A partir daí, o projeto da Feira Permanente de Amostras permanece no Plano Diretor como um zumbi, e não se discute mais sua implantação. Ele volta na Parte III de *“Um Plano de Urbanização”*, referente a O ANTEPROJETO, em apenas três parágrafos, duas figuras e algumas referências cruzadas em outros pontos do documento, sem nenhuma relação com a hierarquia que tinha nas exposições de Gladosch ao Conselho. Em Detalhes (capítulo VII), a Feira Permanente de Amostras é apresentada juntamente com a Cidade Universitária e o Hipódromo do Cristal, projetos de Gladosch, misturados a projetos definidos por ele no Plano, mas não de sua autoria, e a projetos de edifícios e equipamentos públicos, da Diretoria de Obras, todos de Christiano de La Paix Gelbert, seu único arquiteto na época.

A FEIRA PERMANENTE DE AMOSTRAS

A Feira Permanente de Amostras foi localizada por Gladosch numa área de configuração triangular entre o Riacho canalizado, a norte, e a Avenida Bento Gonçalves, a sul, como um elemento estratégico do projeto de saneamento e reurbanização da várzea do Riacho. Ao interior de uma operação urbana de grandes proporções, Gladosch dispõe uma peça urbanística completa, articulada a outras duas figuras do plano, o Centro Médico e o tridente da Praça Piratini, e ao traçado do Segundo Perímetro. Ele prevê um acesso monumental pela Rua Santana alargada, e dois acessos diagonais, por uma das pernas do tridente da Praça Piratini, e por uma avenida projetada ligando à área prevista para o Centro Médico (no entroncamento da Avenida Protásio Alves e Rua Ramiro Barcelos, onde se implantou depois o Hospital de Clínicas da UFRGS), próximo ao Hospital de Pronto Socorro então em construção.

Gladosch procurou vinculá-la aos dois nós diagonais, e frontalmente ao eixo do Parque Farroupilha (Fig. 9)¹⁸. Isso foi feito transformando a Rua Santana em avenida-parque, na continuidade do eixo monumental do Parque traçado por Agache, a Avenida dos Estados da Exposição de 1935, procurando “*não só destacar convenientemente a Exposição, como também aumentar a importância da ‘Avenida dos Estados’, que iria, sem isso, prolongar-se numa rua comum, sem um acabamento condigno*”.

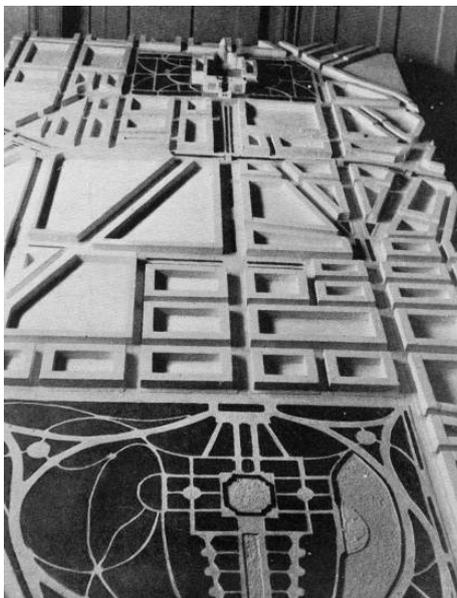


Fig. 9 – Plano Gladosch: Feira Permanente de Amostras. Maquete Geral. Arnaldo Gladosch.

¹⁸ “Em virtude do valor representativo que terá para a cidade esta exposição e futura ‘Feira Permanente de Amostras’, procurei liga-la à mais linda obra paisagista que possui a cidade, ao ‘Parque Farroupilha’. Pela transformação da atual rua Santana em uma larga avenida-parque, teremos o prolongamento natural da “Avenida dos Estados”, que constitui o eixo mestre do ‘Parque Farroupilha”, até a entrada principal da Exposição” (p. 172-173).

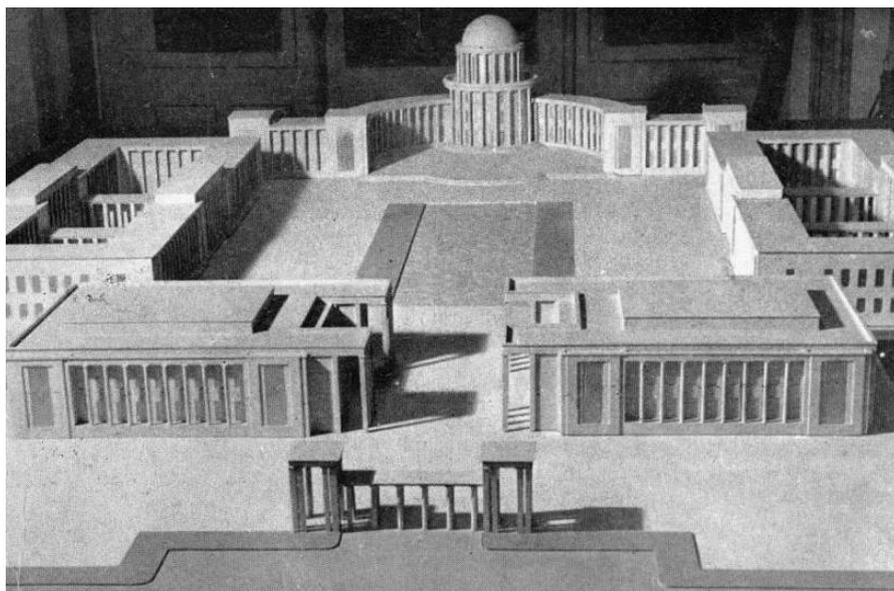


Fig. 10 – Plano Gladosch: Feira Permanente de Amostras. Maquete do conjunto. Arnaldo Gladosch.

Dividiu o conjunto em duas partes, uma com os pavilhões de caráter provisório (erigidos para servirem durante a realização de exposições especiais), ao longo da avenida de acesso, e outra reunindo ao redor de uma praça cívica as edificações definitivas, que depois constituiriam a Feira Permanente. Em função da escala e de implicações urbanísticas, Gladosch previa sua execução por etapas, iniciando pela construção de dois edifícios definitivos ladeando a entrada da Exposição, e localizando-se os pavilhões provisórios ao redor da praça central (Fig. 10). Mais tarde, de acordo com as possibilidades, seriam construídos progressivamente os edifícios definitivos, até completar-se o conjunto urbanístico.

Quando completo, o conjunto constituiria uma nova centralidade, deslocando o eixo de crescimento urbano na direção sul, através da várzea, como elemento indutor do saneamento e urbanização (e assim da requalificação urbana) de toda a região. Podemos acompanhar a evolução do projeto através dos poucos documentos conhecidos. No 1º Estudo, apresentado em março de 1939, está presente o tridente da Praça Piratini, o traçado da canalização do Riacho e o Segundo Perímetro, e uma sugestão de avenida-parque na continuidade do eixo do Parque Farroupilha, mas não aparece a Feira. No 2º Estudo (Plano Gladosch 1939-40), a perna leste do tridente se encontra com uma avenida diagonal traçada a partir do encontro das avenidas Protásio Alves e Venâncio Aires (na continuidade da Rua Ramiro Barcelos), formando um tridente invertido com a Rua Santana. No 3º Estudo predomina o traçado viário das radiais e perimetrais (marcado em vermelho), e o prolongamento da Rua Santana

além da canalização do Riacho (no trecho formando parques) está traçado, assim como o tridente da Praça Piratini e o Segundo Perímetro, mas a Feira segue ausente.

Finalmente, o 4º Estudo (ou PLANO DIRECTOR) traz a Feira implantada entre o Riacho canalizado e o Segundo Perímetro, no eixo da Rua Santana alargada e transformada em avenida monumental de acesso, com duas avenidas diagonais que levam até o Riacho, circunscrevendo seu perímetro transversal. Entretanto, a implantação da Feira no Plano não corresponde à da maquete: existe uma praça de formato elíptico entre o Riacho e o Segundo Perímetro, que por sua vez apresenta um nó de conversão/articulação viária em outra praça de configuração retangular, ligando-se ao entroncamento das avenidas Bento Gonçalves e Oscar Pereira (da Cascata) e Rua da Azenha. Entre o Parque Farroupilha e o Riacho, outra avenida-parque estabelece uma ligação perimetral intermediária (depois Avenida Jerônimo de Ornelas) entre a área do Centro Médico e a Praça Garibaldi, passando pela Praça Piratini.

Na planta do “*Projeto geral de saneamento do vale do Riacho (em execução) e Praia de Belas*” apresentada na Figura 43 de “Um Plano de Urbanização”, a Feira recua para o espaço entre o Segundo Perímetro e a Avenida Bento Gonçalves, desenvolvendo-se transversalmente ao eixo de acesso, e no mapa “*Localização da futura Cidade Universitária na planta urbana*” ela aparece ocupando uma área similar, mas bem maior, estendendo-se a leste até a Rua Vicente da Fontoura.

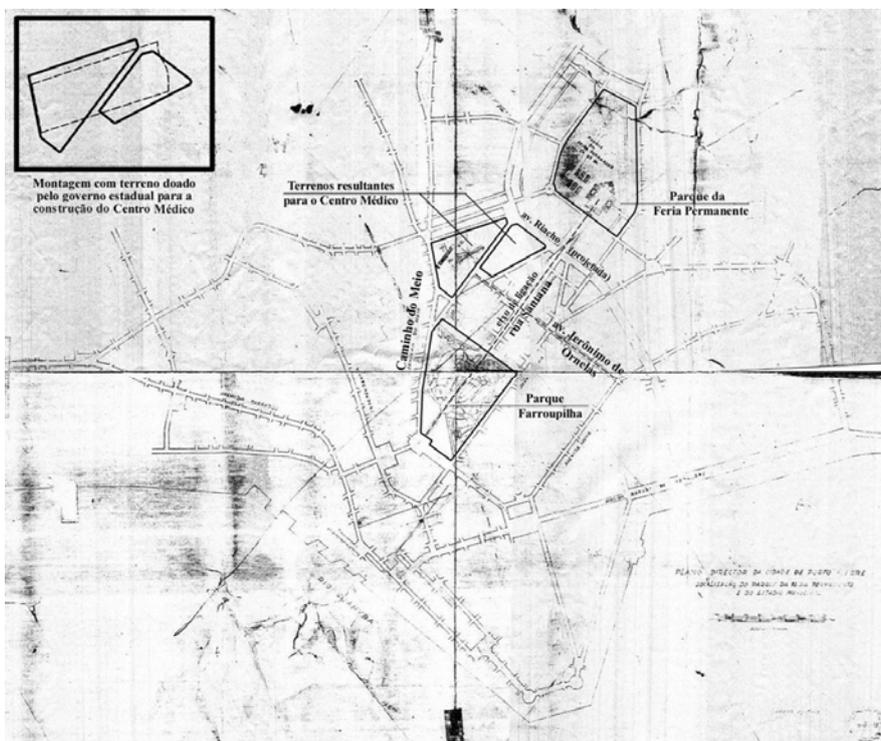


Fig. 11 – Plano Gladosch: Localização do Parque da Feira Permanente de Amostras em relação com o Centro Médico e o Parque Farroupilha. Fonte: Acervo de JMM no NPD – FAU/UFRJ.

As maquetes parecem representar um detalhamento da implantação da Feira, agora definida entre o Segundo Perímetro (então Rua Princesa Isabel) e uma rua paralela a sul, e entre a Avenida João Pessoa a oeste a Rua São Luís a leste, no eixo de um grande parque regular de aproximadamente dois quarteirões por quatro quarteirões. Os edifícios do conjunto estão desenvolvidos na segunda maquete como ante-projeto, com respectivos elementos de arquitetura e de composição, Todo o entorno está representado na primeira maquete com sugestão morfológica precisa, com quarteirões fechados de ocupação perimetral, alinhamento constante e gabarito equivalente aos dois pavimentos altos dos edifícios da Feira. Considerando alturas normais de pavimento e a largura das vias, equivalem a um tecido urbano homogêneo de quatro pavimentos, similar ao apresentado nas perspectivas do tridente da Praça Piratini.

O Plano de Urbanização traz a implantação da Feira na planta do PLANO DIRECTOR, com o traçado viário e distribuição das massas edificadas, e apenas duas fotos de maquetes, uma com perspectiva geral aérea desde o Parque Farroupilha e outra mais próxima, enfocando as edificações da praça central. Com base nesses poucos elementos, muitas análises ressaltaram seu caráter monumental e autoritário, vinculando-a à arquitetura do totalitarismo europeu, especialmente ao projeto de Albert Speer e Adolf Hitler para o eixo monumental da Grande Berlim (1937-40, Fig. 12), normalmente ilustrado por fotos de uma maquete de enquadramento similar.



Fig. 12 – Albert Speer e Adolf Hitler. Projeto Grande Berlin, 1937-40. Fonte: CURTIS, 1986, p. 214.

Esta posição é exemplificada por Günter Weimer. Em “A Arquitetura Erudita da Imigração Alemã no Rio Grande do Sul”, Weimer identifica a arquitetura de Gladosch com o que denomina “*estranha combinação de modernismo com neoclássico, que passou a caracterizar a arquitetura na Alemanha a partir de 1933*”, e que “*acabou por ser adotada pelo governo local, que se empenhava em acompanhar os excessos governamentais do Rio de Janeiro*”¹⁹; segue comparando os edifícios União, Sulacap, Mesbla e Chaves & Almeida com o *Fürerbau* em Munique, o *Reichsversicherung* de Berlim, os arranha-céus que C. Pinnau projetou para a capital do Reich, e os projetos de Paul Ludwig Troost e Albert Speer.

Quando se refere à “Feira de Amostras nos Altos da Avenida Santana”, Weimer credita o projeto ao arquiteto municipal Christiano de la Paix Gelbert, pela aparente similaridade com a avenida monumental da Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha, mas a localiza equivocadamente na Avenida Bento Gonçalves (que na realidade a tangenciava diagonalmente aos fundos). Sem justificativa, data o projeto de 1943 (?), quando Gladosch se diz dele incumbido na 5ª Reunião do Conselho do Plano Diretor, em 5 de dezembro de 1939, descreve com razoável precisão sua implantação (pelo menos com apoio de um Plano de Massa) em exposição ao Conselho do Plano na 6ª Reunião²⁰, em 15 de março de 1940, e a Feira se destinava a sediar a Exposição do bicentenário de fundação de Porto Alegre, com realização prevista para novembro de 1940.

Weimer ainda enfatiza a semelhança com o projeto da *Grosse Axe* (Grande Eixo) que levava ao *Koenigsplatz* conforme a proposta de Speer para a urbanização de Berlim: “*Se o projeto da prefeitura era uma miniatura do esdrúxulo projeto de Speer, não deixava de apresentar a praça central com a grande cúpula ao fundo e com os prédios de representação a seu redor*”²¹.

Mesmo não endossando a associação direta que Weimer estabelece com a arquitetura do nazismo, em sua tese sobre Arnaldo Gladosch Ana Paula Canez também manifesta dúvidas sobre a autoria do projeto, partilhando-a entre Gelbert (a arquitetura dos prédios) e Gladosch (o Plano Geral da exposição, ou seu Plano de Massas).

¹⁹ WEIMER, Günter. *Arquitetura erudita da imigração alemã no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Edições EST, 2004, p.215. Essa associação é recorrente em outras obras de Weimer, como “*Origem e evolução das cidades rio-grandenses*”. Porto Alegre: Livraria do Arquiteto, 2004.

²⁰ A ata da 6ª Reunião informa que o projeto da Feira Permanente de Amostras foi discutido e aprovado pelo plenário, e a sessão prolongou-se por mais algum tempo para apreciação de projetos parciais e detalhes do futuro Plano Diretor, não nomeados.

²¹ WEIMER, 2004, op. cit., p.217.

*“De qualquer maneira, pela análise dos resultados, o projeto dos ditos edifícios monumentais e nazistas não se parece com outros de Gladosch, pois a composição do conjunto é muito óbvia, o que difere da cuidadosa e sofisticada composição, normalmente utilizada nas suas obras. Gladosch, poderia se especular, realizou o Plano Geral da Feira, ou quem sabe, podemos chamar de Plano de Massas, enquanto Gelbert detalhou o conjunto edificado permanente”.*²²

Quanto à autoria, não há nenhuma evidência documental da participação de Gelbert no projeto da Feira. Gelbert costumava assinar todos os projetos e estudos como único arquiteto e Chefe (desde 1931) da Seção de Arquitetura, Cadastro e Patrimônio da Prefeitura; apesar de transitar com desenvoltura entre o *Art Déco*, o expressionismo de matriz alemã e o proto-racionalismo, não há precedentes no uso do racionalismo estrutural tão presente nos porticados do conjunto, especialmente nos dois prédios frontais ao acesso. De resto, a implantação está inserida no Plano Diretor de Gladosch (4º Estudo), e suas descrições no Conselho do Plano e em “*Um Plano de Urbanização*” correspondem aproximadamente às fotos conhecidas das maquetes.



Fig. 13 – Plano Gladosch (IV): Planta da área da Feira Permanente de Amostras mostrando eixos viários.

Quanto à associação com a arquitetura do nazismo, e especialmente com o projeto de Speer para Berlim, trata-se de uma evidente simplificação. O cuidadoso inventário da arquitetura de Gladosch feito pela própria Ana Paula Canez permite identificar suas

²² CANEZ, Ana Paula. *Araldo Gladosch. O Edifício e a Metrópole*. Porto Alegre: PROP/UFGRS (Tese de Doutorado em Arquitetura), 2006 [versão preliminar], p.247.

referências: uma mescla da arquitetura do expressionismo alemão racionalizado de seus anos de estudo em Dresden, com a Escola de Chicago e o arranha-céu americano dos anos 20 e 30, e o racionalismo estrutural de matriz acadêmica da SFU. Em termos urbanísticos, os planos e projetos de Gladosch são também o produto híbrido de sua formação no urbanismo alemão, que o aproxima da Cidade Jardim, e do trabalho junto a Agache no Plano do Rio de Janeiro, onde recolhe o registro de seu método, e com ele toda a tradição do urbanismo da SFU. O sincretismo dessas três fontes apresenta-se mais claramente no projeto para o aterro da Praia de Belas e sul da península, num traçado que se filia diretamente ao de Berlage para a extensão sul de Amsterdam (não por acaso o melhor exemplo da convivência dos três), mas também pode ser identificado nas figuras urbanísticas e nas sugestões morfológicas do projeto da Feira Permanente de Amostras.

Fernando Diniz Moreira também se refere ao projeto para a Feira Permanente de Amostras em sua tese, descrevendo o conjunto como uma peça urbanística única, composta pelo parque, avenida e espaço de exposições, mas traz o *tempietto* como referência tipológica para o domo central (portanto bem longe da escala desmesurada do domo de Speer) e enfatiza acertadamente o motivo da colonata como elemento unificador da composição:

“He extended the axis of the Park through the city and terminated it in the new ensemble. The entire space – the park, the avenue, and the new exhibition palace – was now integrated in a unique ensemble. The exhibition palace was conceived as an isolated entity from the city. It was composed of a tempietto-like structure crowned by a huge dome with colonnades joining it to two identical buildings. These buildings were also linked by colonnades to two other buildings creating a great interior square. The colonnade motif was repeated throughout the façades of the entire ensemble.”²³

Entretanto, diferentemente de Moreira, não vemos a Feira como “uma entidade isolada da cidade”, e sim como uma peça urbanística articulada a outras peças (como o Centro Médico, a Praça Piratini e o Estádio), a importantes elementos de estrutura urbana (como a nova radial do Riacho, hoje Avenida Ipiranga, e o Segundo Perímetro), e parte essencial do principal projeto estratégico do Plano fora do centro.

Se verificarmos as duas maquetes (de Berlim e da Feira) com algum cuidado, veremos que apenas o enquadramento da foto, a composição processional, e a finalização do eixo em um edifício dotado de cúpula são relatados. A escala das edificações e

²³ MOREIRA, op. cit., pp.438-439.

espaços abertos é completamente distinta, seu caráter e linguagem também. A linguagem da Feira se vincula de forma direta aos conjuntos urbanos da arquitetura racionalista italiana dos anos 30, e ao chamado *Stile Littorio* de M. Piacentini²⁴, mas principalmente às grandes composições e projetos urbanos dos arquitetos da SFU, exemplarmente ilustrados pelas marcas de seu apogeu e canto de cisne – a Exposição Internacional de Paris de 1937 (que teve o urbanista da SFU Jacques Gréber como arquiteto-chefe).

A referência é especialmente pertinente ao conjunto do *Palais de Chaillot* (1937, Fig. 14), de J. Carlu, L. Boileau e L. Azéma, foco arquitetônico e principal edifício do conjunto urbanístico da Exposição. No Concurso lançado em 1934 para a reforma do antigo Trocadero, habilitando-o a sediar a *Exposition Universelle* de 37, a resposta do trio foi eliminar o corpo central e criar uma esplanada com vista para a Torre Eiffel, implantando a sala de espetáculos no sub-solo, mantendo e reforçando as alas com sóbrios porticados para criar os espaços de exposição. Podemos qualificar a arquitetura de Carlu-Boileau-Azema ao mesmo tempo de clássica e moderna, mas para diferenciá-la Pascal Ory inaugura o termo “*Style entre-deux-guerres*”, segundo ele o “*moins mauvais*”. Ele assim qualifica os edifícios dos anos 20 e 30, monumentais, com as formas ordenadas e utilizando estruturas racionalistas, numa estética rigorosa que incorpora bem obras de arte antes monumentais que ornamentais²⁵.



Fig. 14 – Palais de Chaillot. J. Carlu, L. Boileau e L. Azema. Exposição Internacional de Pais, 1937 (Plano Geral Jacques Gréber). Fonte: foto Silvio Abreu.

²⁴ O *Stile Littorio* aparece nos projetos para a Universidade de Roma, sob direção de Piacentini, liderança do grupo de arquitetos italianos do Raggruppamento Architetti Moderni Italiani. Os projetos da Reitoria da Universidade de Roma (1935, Fig.), de M. Piacentini e equipe, a Praça da Reitoria da Universidade do Brasil (1935-38) de M. Piacentini e V. Morpurgo, e a reurbanização da área do Mausoléu de Augusto em Roma (1937), de V. Ballio e V. Morpurgo são ilustrativos do estilo, que foi hegemônico na Itália fascista dos anos 30. Ver em CURTIS, William. *La Architectura Moderna desde 1900*. Madrid: Herman Blume, 1986, pp. 211-222; e em FRAMPTON, Kenneth. *Historia crítica de la arquitectura moderna*. Barcelona: Gustavo Gili, 1981, pp. 205-211.

²⁵ Isto é particularmente notável no *Palais de Chaillot*, que foi o meio de relançar a encomenda oficial de obras de arte e de reviver os artistas em meio à crise econômica, constituindo um verdadeiro museu ao ar livre da escultura dos anos 30. ORY, Pascal. *Le Palais de Chaillot*. Actes sud - Les grands témoins de l'architecture 2006. Paris, 2006, p.70.

Conforme descrito por David Underwood, o *Palais de Chaillot* não só focalizava e simbolizava o espírito da Exposição em termos arquitetônicos. O estilo clássico monumental, abstrato e ritmado dos porticados, a construção em concreto reforçado revestida em pedra, o layout formal com os terraços, escadarias, plataformas e arrimos, no eixo da Torre Eiffel, e principalmente seu desenho em duas asas independentes com um grande espaço vazio no centro, tudo isso “fala” nos mesmos moldes do “*urbanisme parlant*” de Agache²⁶. As duas asas ligadas e unificadas pela esplanada monumental representam um “volume” sociológico, ilustrando, de acordo com a filosofia social que estava nas bases da SFU, o triunfo do público submetido à “*conscience collective*”. Não por acaso o Palácio eclipsou tanto o pavilhão nazista (de autoria de Speer) quanto o soviético (de Iofan), que o flanqueavam, num triunfo cultural e político do gênio francês. Curiosamente, a França do *Front Populaire*, comprovando a dissociação entre o estilo e o totalitarismo.

Aqui tal dissociação também se justifica, lembrando Frampton quando associa a hegemonia dessa arquitetura nos anos 30 à emergência de uma “Nova Tradição”²⁷, termo cunhado por Henry-Russell Hitchcock em 1929 para designar um arco que vai da Prefeitura de Estocolmo à Sociedade das Nações em Genebra, e de Lutyens em Nova Delhi ao arranha-céu americano dos anos 20 (ver Hugh Ferriss). Uma arquitetura de matriz acadêmica, de um classicismo racionalizado e conscientemente “modernizado”, que responde às necessidades de imagem e representação pública dos estados nacionais, autoritários ou não, dos anos 20 e 30, fornecendo expressão arquitetônica convincente tanto à Itália fascista de Mussolini, ao Reich alemão e ao realismo socialista da URSS, quanto ao *New Deal* americano e à IIIª República francesa. Lembremos que o mesmo Estado Novo que encomendou os planos de modernização de Porto Alegre, Curitiba, São Paulo e Recife (apenas para limitar-nos às capitais) bancou e construiu o primeiro marco arquitetônico do movimento moderno no país, a sede do MAS no Rio de Janeiro, e o igualmente seminal conjunto da Pampulha em Belo Horizonte.

Nessa linha de argumentação, podemos dizer que a Feira Permanente de Amostras de Gladosch constituiu a transcrição, em termos simbólicos e programáticos, dos princípios espaciais e filosóficos do “*urbanisme parlant*” de Agache e da SFU,

²⁶ A *Exposition Internationale des Arts et des Techniques dans la Vie Moderne* de 1937 tinha por tema a as relações entre arte e técnica na vida moderna, e um de seus focos era a arquitetura e o urbanismo (inclusive como produto cultural de exportação francês), exemplarmente demonstrados no Palais de Chaillot. “*Of all the fine arts, architecture was perhaps best equipped to deal with this theme because it could clarify the ambiguity of the alliance by giving impressive and permanent visual expression to it. It could ‘make concrete’ and monumental the relationship between form and technique; and in so doing, it could demonstrate, as Agache had done in Rio, the sociophilosophical basis of the alliance between modern art and science*”. UNDERWOOD, 1991, op. cit., p. 164.

²⁷ FRAMPTON, 1981, op. cit., especialmente em 24. La arquitectura y el Estado: ideología y representación, 1914-1943, pp. 212-226.

exemplarmente demonstrados no *Palais de Chaillot*, para novo contexto em termos de cultura e lugar, e sem dúvida também “fala” do caráter que previa para suas instituições e equipamentos coletivos.

O projeto da Feira Permanente de Amostras e os outros projetos não-realizados de Gladosch para os aterros da Praia de Belas e para o Centro Cívico na Praça da Matriz, compõem um articulado, extenso e impressionante painel de imagens de uma cidade ideal do urbanismo racionalizado de matriz acadêmica dos anos 30 e 40. Trata-se de um urbanismo que buscava a modernização da cidade pela racionalização de elementos compositivos e peças urbanísticas de um repertório ainda de matriz “acadêmica”, codificado pela SFU, e por procedimentos metodológicos já claramente “modernos” (pesquisa urbana, zoneamento, abordagem funcionalista mesclada à morfológica). Eles nos permitem falar em uma “outra modernidade”, desenvolvida sob um conjunto de influências/referências de natureza tanto urbanística – SFU, Cidade Jardim, Urbanismo alemão derivado do “*Städtebau*”, Zoning, quanto arquitetônica.

A extensão, o número, variedade e abrangência dessas contribuições justificam a metáfora astronômica da “nebulosa reformadora” cunhada por Christian Topalov para situar a gênese do urbanismo moderno. Jean-Louis Cohen se refere a ela ao identificar que “*as estratégias sociais, políticas e econômicas, mas também técnicas e estéticas desenvolvem-se num espaço complexo, articulando-se ou agregando-se para formar os planos*”²⁸, e a complexidade é tal que o leva a considerar que, mais do que influências, trata-se aqui de confluências.

Essa visão inclusiva da modernidade, ao permitir o cotejamento com outros projetos mais ou menos simultâneos, reconhece a diferença e resgata o lugar de Gladosch (e de Agache). Na comparação, emerge o contraste entre as diversas estratégias de projeto do urbanismo moderno, ilustrando a convivência, no período, de dois paradigmas urbanísticos sem hegemonia visível, ambos proclamados “urbanismo moderno” por seus autores. Muito cedo, somente um deles poderia reclamar-se efetivamente moderno; o outro ficará relegado ao ostracismo como “urbanismo formal”, permanecendo numa espécie de limbo (onde repousam as idéias arquitetônicas e urbanísticas quando fora do lugar, ou do tempo, ou dos dois), até ser resgatado pelas correntes historicistas e morfológicas dos anos 70 e 80.

Hoje, quando percorremos a antiga várzea do Riacho, vemos ao longo da Rua Santana (parcialmente alargada pelo recuo progressivo de alinhamento no trecho)

²⁸ COHEN, Jean-Louis. “A emergência do urbanismo, uma questão transatlântica”. In: PINHEIRO MACHADO, Denise; PEREIRA, Margareth da Silva; MARQUES DA SILVA, Rachel Coutinho (orgs). *Urbanismo em Questão*. Rio de Janeiro: UFRJ/PROURB, 2003, pp. 17-31, p.19.

alguns fragmentos da morfologia urbana proposta por Gladosch. Eles se juntam ao melancólico tridente incompleto da Praça Piratini, à Avenida João Pessoa prolongada com sua dupla fileira de palmeiras no canteiro central, à Avenida Ipiranga e algumas de suas pontes no trecho entre a Rua Santana e a Praia de Belas, contrapostas ao traçado antes “rodoviário” da 2ª Perimetral e da Érico Veríssimo, a lembrar uma Porto Alegre que não foi (poderia ter sido?), e sobrevive precariamente através deles e em apenas algumas folhas de papel impresso.

A desoladora paisagem urbana que restou, entretanto, nos mostra que ela não foi substituída por sua antítese, nem por outro modelo, e acabamos ficando sem uma coisa nem outra. Incompletos, interrompidos, como essa Porto Alegre de papel cujos traços devemos resgatar se queremos que ela faça algum sentido.

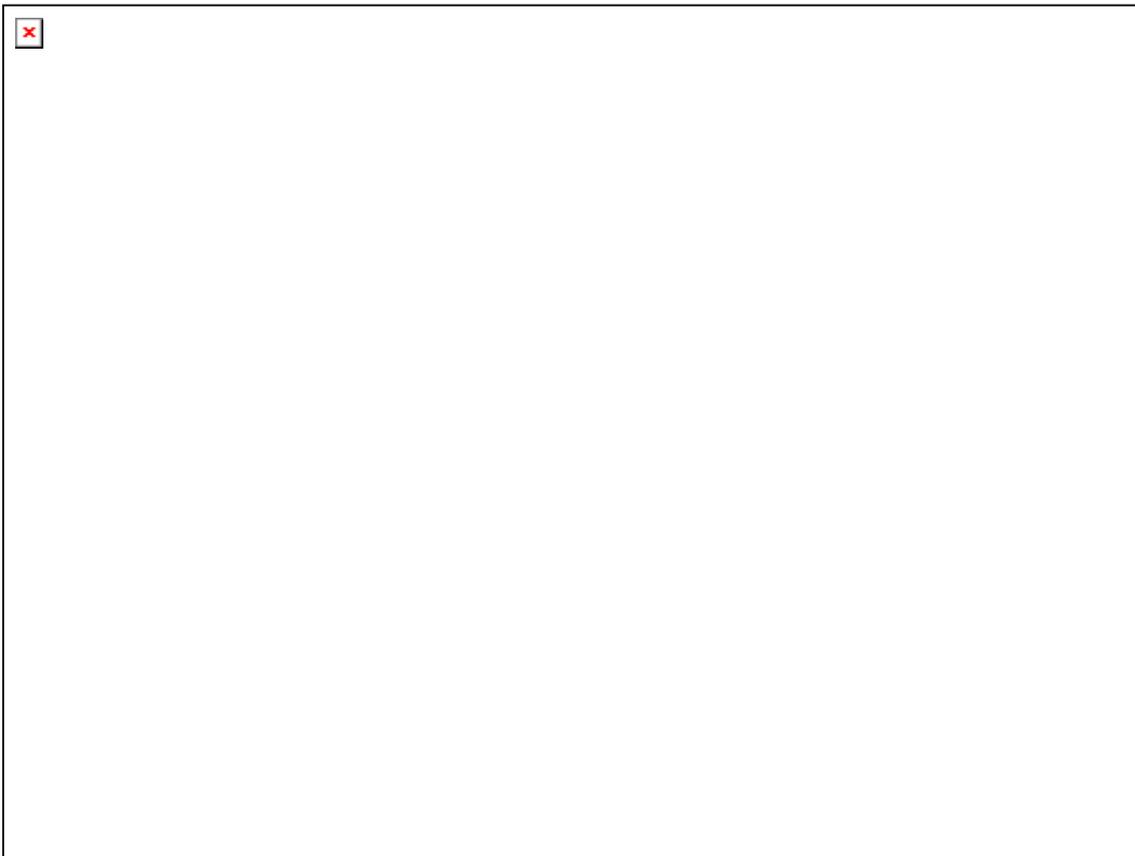


Fig. 15 – Foto aérea atual (2008) da área da Feira Permanente de Amostras. Fonte: Google Earth.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU FILHO, Silvio Belmonte de. *Porto Alegre como cidade ideal. Planos e Projetos urbanos para Porto Alegre*. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS (Tese de Doutorado em Arquitetura), 2006.
- ALMEIDA, Maria Soares de. *Transformações Urbanas. Atos, Normas, Decretos, Leis na Administração da Cidade; Porto Alegre 1937/1961*. São Paulo: FAU/USP (Tese de Doutorado), 2004.
- BOHRER, Maria Dalila. *O aterro Praia de Belas e o aterro do Flamengo*. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS (Dissertação de Mestrado em Arquitetura), 2001.
- BRUANT, Catherine. "Donat Alfred Agache: urbanismo, uma sociologia aplicada". In: RIBEIRO, Luiz C. de Queiroz; PECHMAN, Robert (org). *Cidade, povo e nação. Gênese do urbanismo moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996, pp. 167-202.
- CANEZ, Ana Paula. *Arnaldo Gladosch. O Edifício e a Metrópole*. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS (Tese de Doutorado em Arquitetura), 2006 [versão preliminar].
- COHEN, Jean-Louis. "A emergência do urbanismo, uma questão transatlântica". In: PINHEIRO MACHADO, Denise; PEREIRA, Margareth da Silva; MARQUES DA SILVA, Rachel Coutinho (org). *Urbanismo em Questão*. Rio de Janeiro: UFRJ/PROURB, 2003, pp. 17-31.
- CURTIS, William. *La Arquitectura Moderna desde 1900*. Madrid: Herman Blume, 1986.
- DE GRANDI, Celito. *Loureiro da Silva: o charrua*. Porto Alegre: Literalis, 2002.
- FRAMPTON, Kenneth. *Historia crítica de la arquitectura moderna*. Barcelona: Gustavo Gili, 1981.
- FRANCO, Sérgio da Costa. *Porto Alegre: guia histórico*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2006.
- LOUREIRO DA SILVA, José. *Um Plano de Urbanização* (Colaboração técnica do Urbanista Edvaldo Pereira Paiva). Porto Alegre: Livraria do Globo, 1943.
- LUCAS, Luís H. Haas. *Arquitetura Moderna em Porto Alegre sob o mito do "gênio artístico nacional"*. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS (Tese de Doutorado em Arquitetura), 2004.
- MACHADO, Nara Naumann. *Modernidade, arquitetura e urbanismo: o centro de Porto Alegre (1928-1945)*. Porto Alegre: PUCRS (Tese de Doutorado em História do Brasil – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas), 1998.
- MOLINA Y VEDIA, Juan. *mi Buenos Aires herido. Planes de desarrollo territorial y urbano (1535-2000)*. Buenos Aires: Ediciones Colihue (colección del Arco Iris – Ensayos de Historia Urbana), 1999.
- MOREIRA, Fernando Diniz. *Shaping Cities, Building a Nation: Alfred Agache and the dream of Modern Urbanism in Brazil (1920-1950)*. Philadelphia (Penn): University of Pennsylvania (Dissertation for the Degree of Doctor of Philosophy), 2004.
- MOREIRA, Fernando Diniz. *The French Tradition in Brazilian Urbanism: the urban remodeling of Rio de Janeiro, Recife and Porto Alegre during the Estado Novo (1937-1945)*. Philadelphia (Penn): University of Pennsylvania - Federal University of Pernambuco, 2006.
- ORY, Pascal. *Le Palais de Chaillot. Actes sud - Les grands témoins de l'architecture 2006*. Paris, 2006.
- PAIVA, Edvaldo Pereira. *PROBLEMAS URBANOS DE PORTO ALEGRE*. (Palestra realizada pelo Prof. Urbanista Edvaldo Pereira Paiva, no Auditório "Tasso Corrêa" do Instituto de Belas Artes, no dia 18 de Abril de 1951). Porto Alegre: (s/ed), junho de 1951.
- PLANO diretor da cidade. *Boletim Municipal*, Porto Alegre, ano VI, v. VII, n.16, jan/abr. 1944.
- PLANO geral de urbanização. *Boletim Municipal*, Porto Alegre, ano 2, v.3, n.6, 1940.

PORTO ALEGRE. *Pôrto Alegre: Plano Diretor – 1954-1964*. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1964.

PORTO ALEGRE. *Planejar para viver melhor* (Álbum de Divulgação do 1º PDDU). Porto Alegre: PMPA, 1983.

REALIZAÇÃO do plano de obras. *Boletim Municipal*, Porto Alegre, ano VII, v. VII, n.16, 1944.

UBATUBA DE FARIA, Luiz Arthur e PAIVA, Edvaldo Pereira. *Contribuição ao Estudo da Urbanização de Porto Alegre*. Porto Alegre: mimeografado (s/Ed.), 1938.

UNDERWOOD, David. Alfred Agache, French Sociology, and Modern Urbanism in France and Brazil. *Journal of the Society of Architectural Historians JSAH*, v. 50, JUNE 1991, pp. 130-166.

WEIMER, Günter. *Origem e evolução das cidades rio-grandenses*. Porto Alegre: Livraria do Arquiteto, 2004.

WEIMER, Günter. *Arquitetura erudita da imigração alemã no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Edições EST, 2004.